

O TEMPO E OS DIVERSOS EUS EM “A PARTIDA” E “ELEGÍADA”, DE OSMAN LINS¹

Time and several selves in “A Partida” and “Elegiada” by Osman Lins.

Rosana Cristina Zanelatto Santos²

Leila Aparecida Cardoso Freitas³

Artigo recebido e aprovado em Outubro de 2015

Resumo: Embasados em pressupostos da Teoria Literária, propomos uma análise acerca das **categorias narrador, focalização e tempo** nos contos de Osman Lins “A partida” e “Elegiada”. **Objetivamos, assim, estabelecer uma separação** entre as visões de mundo do eu narrador e do eu narrado, em face do foco autodiegético proposto por Gérard Genette. Para tanto, os métodos empregados foram os da pesquisa bibliográfica no âmbito da Teoria Literária aliada ao raciocínio relacional, o que resultou na percepção de que o tempo transforma ideológica e psicologicamente, ainda que em proporções distintas, os eus narradores dos contos analisados. Por fim, observamos que os contos de Osman Lins, por meio da trama arquitetada, chamam o leitor a refletir sobre sua ambivalência, justificada pelo tempo.

Palavras chave: Narrador; Personagem; Focalização; Tempo; Osman Lins.

Abstract: Based on assumptions of Literary Theory, we propose an analysis of the narrator, focalization and time categories in Osman Lins’ “A Partida” and “Elegiada”. Thus, we aim to establish a separation between the worldviews of the je narrant and the je narré, through the autodiegetic focus proposed by Gérard Genette. Therefore, the methods employed were those of bibliographic research within the Literary Theory, allied to relational reasoning, which resulted in the perception that time transforms the je narrants both ideological and psychologically — though in different proportions. Finally, we observe that the short novels of Osman Lins call the reader to reflect on his ambivalence, justified by time.

Key words: Narrator; Character; Focalization; Time; Osman Lins.

¹ O desenvolvimento deste artigo contou com o financiamento das seguintes agências de fomento: CAPES (bolsa de Mestrado), CNPq (bolsa de Produtividade em Pesquisa) e FUNDECT (auxílio pesquisador). Ele está vinculado a projeto de pesquisa articulado junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

² Rosana Cristina Zanelatto Santos é Doutora em Letras (USP). Atualmente é pesquisadora do CNPq e da FUNDECT/MS, fazendo parte de NEHMS (Núcleo de Estudos Historiográficos de Mato Grosso do Sul).

E-mail: rzanel@terra.com.br

³ Leila Aparecida Cardoso de Freitas é Mestranda em Letras (UFMS).

Introdução

Osman Lins construiu sua trajetória na cena literária brasileira como literato e como crítico, tendo lecionado Literatura Brasileira na Faculdade de Letras de Marília na década de 1970. Entre suas obras, destacam-se os romances **O fiel e a pedra** (1961), **Nove, novena** (1966) e **Avalovara** (1973), os textos dramáticos **Lisbela e o prisioneiro** (1961) e **A idade dos homens** (1963) e os ensaios **Guerra sem testemunhas – o escritor, sua condição e a realidade social** (1974) e **Lima Barreto e o espaço romanesco** (1976). Ambos os contos de Lins aqui estudados, “A partida” e “Elegíada”, foram publicados em **Os gestos**, cuja primeira edição data de 1957.

Embora este trabalho não esteja comprometido com uma leitura baseada na crítica biográfica e, sim, em uma perspectiva mais estruturalista, pode-se dizer que a visão de mundo diferenciada de Osman Lins, bem como sua postura como crítico literário, capaz de entender o papel da literatura na vida do indivíduo, em muito colaboraram para a construção de suas obras ficcionais. Falando de forma mais abrangente, vale a pena trazer à discussão a voz de Tzvetan Todorov:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (2012, p. 76).

Nas palavras de Todorov, percebemos que entre tantas mudanças que a literatura pode trazer ao nos revelar um mundo desconhecido ou que teimamos em desconhecer, ela nos obriga a refletir, sendo capaz de colocar à prova as mais arraigadas visões de mundo e os mais fortes sentimentos. Podemos, em hipótese, expandir a proposição de Todorov para a vida e obra de Osman Lins ao pensar na sensibilidade com que cria o universo diegético, com o poder de tocar o mais íntimo do leitor e, sobretudo, de construir um discurso articulado no sentido de aproximar esse leitor de um narrador experiente nas questões relacionadas à alma humana.

Sobre os contos “A partida” e “Elegíada”, três perguntas nortearam esta análise: como são constituídos / construídos os narradores? Qual a relação entre a focalização empregada e o tom que perpassa o enredo? E o tempo, como ele auxilia na projeção de uma visão de mundo? Sigamos, na tentativa de respondê-las.

O narrador de “A partida”

Em “A partida”, temos a presença de um narrador autodiegético que, na idade madura, conta a história de sua partida da casa da avó. Nesse sentido, o enredo torna-se impregnado por uma atmosfera de melancolia, visto que na ânsia de libertar-se dos cuidados da avó, assumindo o controle de sua vida e, sobretudo, de escapar do sofrimento intenso que essa partida proporcionava, o narrador assume uma atitude ríspida mediante as tentativas de carinho daquela mulher simples.

Com efeito, a opção do autor em construir um narrador em primeira pessoa encontra-se intimamente ligada à atmosfera melancólica que sustenta o discurso narrativo. O posicionamento do narrador ao relatar os fatos revela sua postura em face dos acontecimentos do passado. Por meio do recurso da focalização, o autor aproxima o leitor do universo ficcional, uma vez que o narrador propõe-se a olhar criticamente para o passado, porém é preciso lembrar que essa avaliação tem como objeto sua própria vida e seus sentimentos. **Notamos, então, uma personagem que apresenta uma ânsia de libertação. Entretanto, trata-se de uma situação paradoxal, haja vista sua condição de conforto, carinho e proteção em casa da avó, o que se contrapõe ao que usualmente motiva o desejo de liberdade, geralmente, situações de autoritarismo, opressão e maus tratos.**

Mesmo diante de uma situação de grande comodidade, o narrador deseja escapar da zona de conforto construída pela avó, para finalmente enfrentar o mundo real, como lemos neste fragmento: “[...] pensava que no dia seguinte estaria livre e imaginava o amplo mundo no qual iria desafogar-me: passeios, domingos sem missa, trabalhos sem livros, mulheres, praias, caras novas” (Lins, 2014, §3º).

Muitas vezes, o ponto de vista autodiegético oferece a ilusão de um narrador absolutamente confiável, considerando que conta uma história vivida. Porém, esse narrador que, de acordo com Norman Friedman (2002), narra sob um ângulo de visão de centro fixo, limitando-se aos seus próprios sentimentos, não costuma delegar o ponto de vista para outra personagem, a não ser quando o propósito é reforçar sua própria perspectiva. Desse modo, atentemos às palavras de Donald Schüler:

[...] envolvido pelo infraqueável tecido de palavras e de gestos, o narrador é corroído pela suspeita de que o não-percebido retém verdades que invalidam o oferecido aos olhos e aos ouvidos. Os recursos a serviço a comunicação não serão elaborados artimanhas para esconder o essencial? As palavras, o recurso do narrador para expor mostram-se instrumento falido. A página converte-se em campo de batalha em que o narrador e palavras se defrontam como adversários. Reescrever a vida não decifra o enigma, substituir uma palavra por outra aprofunda o abismo (2000, p. 29).

Confrontemos, pois, a afirmação de Schüler com um fragmento de “A partida”: “Verifico também que estava aflito e que havia um fundo de mágoa ou desespero em minha impaciência” (Lins, 2014, §1º). Nesse sentido, diante do narrador autodiegético, que manipula o discurso como lhe convém, o leitor analista pode suspeitar de que o “não-percebido”, aquilo que ficou nas entrelinhas, pode esconder alguma verdade que teria o poder de anular informações contidas na microestrutura. Isso ocorre, no caso do conto em análise, devido à carga semântica proporcionada pela palavra “mágoa” que, se por um lado, marca a ânsia da personagem por uma nova vida, por outro, carrega o sentimento que a acompanhará quando sair da casa da avó, o que torna seu entendimento mais complexo.

Não obstante, em semelhante situação é comum a desconfiança de que o narrador esconda alguns pormenores que o leitor deverá recuperar na macroestrutura, para chegar ao entendimento. Entretanto, Osman Lins parece construir um narrador transparente, capaz de se deixar penetrar no mais íntimo da alma. Dessa forma é como se o leitor pudesse sentir a angústia da personagem, tendo sua mágoa surgido pelo fato de querer ter partido antes da casa de sua avó e não ter sido corajoso o bastante para vê-la chorar.

Leiamos outro fragmento do conto:

Passava de meia-noite quando a velha cama gemeu. Minha avó levantava-se. Abriu de leve a porta de seu quarto, sempre de leve entrou no meu, veio chegando e ficou de pé junto a mim. [...] Ouvi-a então soluçar e quase fui sacudido por um acesso de raiva. Ela estava olhando para mim e chorando como se eu fosse um cadáver – pensei: Mas eu não me parecia em nada com um morto, senão no estar deitado. Estava vivo, bem vivo, não ia morrer. Sentia-me a ponto de gritar. Que me deixasse em paz e fosse chorar longe, na sala, na cozinha, no quintal, mas longe de mim. Eu não estava morto (Lins, 2014, §11).

Notamos nas palavras do narrador a repetição de que não estava morto, numa tentativa quase desesperada em fazer com que a dor da avó diante de sua partida ganhasse um tom de exagero e, assim, pudesse ser reduzida. De fato, aquela dor atroz, mesmo que diante de um acontecimento inevitável da vida que é a separação, não era maior que a própria dor do narrador: todo endurecimento, toda raiva não passavam de uma armadura vestida pela personagem para proteger-se, proteger sua avó e finalmente poder partir.

Ressaltamos que todas as proposições levantadas são fruto de um processo interpretativo, possível graças à posição do narrador ao contar a história, uma vez que embora o universo diegético criado por Osman Lins traga uma impressão melancólica e reflexiva, ela é, no nível da trama, realizada pelo narrador autodiegético, que instala a atmosfera de tristeza, comum nos momentos de grandes

despedidas. A perspectiva do narrador leva o leitor à comoção ao proporcionar-lhe a identificação com o seu sofrimento enfrentado. O discurso narrativo criado pelo contista alcança um lirismo tocante, como no trecho que segue:

Não sei por que motivo, retardei ainda a partida. Andei pela casa, cabisbaixo, a procura de objetos imaginários enquanto ela me seguia, abrigada em sua coberta. Eu sabia que desejava beijar-me, prender-se a mim, e a simples ideia desses gestos, estremeci [...] (Lins, 2014, §16).

Enfim, beijei sua mão, bati-lhe de leve na cabeça. Creio mesmo que lhe surpreendi um gesto de aproximação, decerto na esperança de um abraço final. [...] lancei um rápido olhar para a mesa (cuidadosamente posta para dois, com a humilde louça dos grandes dias e a velha toalha branca, bordada, que só se usava em nossos aniversários) (Lins, 2014, §17).

O epílogo do conto apresenta uma característica aberta, comum nas narrativas do século XX, inicialmente causando no leitor a impressão de que o narrador diria mais algumas palavras, abraçaria sua avó e lhe diria adeus. Embora os sentimentos da personagem pareçam claros, o discurso narrativo omite certos fatos que ficarão somente na imaginação do leitor: como foi a vida do narrador do momento da partida até a narração dos fatos? O medo de demonstrar toda sua dor e seu afeto no momento da partida estaria relacionado ao fato de ter sido criado por sua avó e não por seus pais?

A resposta para tais questionamentos não é imprescindível para o entendimento da narrativa, contudo, ao partirmos para uma análise literária, deve-se ater a cada pormenor. O narrador de Osman Lins nos chama a refletir sobre as relações humanas e, principalmente, sobre a complexidade que perpassa essas relações. O modo como o autor constrói o discurso, o lirismo empregado na voz do narrador autodiegético traz o leitor para o interior da obra, levando-o a participar do sofrimento da personagem. Por outro lado, a atitude reflexiva do narrador protagonista somente foi possível devido ao seu amadurecimento. Assim, no tópico que segue, discutiremos as implicações entre o recurso da focalização e o elemento tempo também no conto “A partida”.

O eu através do tempo em “A partida”

Eis as perguntas diretivas deste tópico: em que medida o tempo está vinculado ao narrador autodiegético? Como essas possíveis relações evidenciam-se no conto “A partida”? Em face de uma abordagem estruturalista da obra literária, é comum o aproveitamento dos operadores de leitura na narrativa, visto a ampla possibilidade de alcançar o(s) sentido(s) de um texto, por meio dos efeitos que aque-

les elementos proporcionam no discurso. Contudo, mesmo mediante a escolha de um deles para conduzir a análise, frequentemente um elemento se alicerça n'outro e, assim, estão diretamente ligados.

Ao tratar, por exemplo, das questões relacionadas à focalização percebemos que esse elemento está intimamente ligado ao tempo. Numa focalização heterodiegética, o tempo torna-se menos importante, ao passo que no ponto de vista autodiegético ele adquire modulações diferenciadas, pois sendo o presente o tempo da enunciação e o passado o tempo do enunciado, entre narrador e personagem, embora sejam um só ente ficcional, encontram-se mudanças que somente o tempo proporciona. Sobre esse fato, anotamos as palavras de Aguiar e Silva:

A focalização autodiegética comporta algumas modulações importantes. Entre o eu narrador e o eu narrado pode cavar-se uma distância temporal mais ou menos longa que determina entre os dois eus distâncias de outro teor: uma distância ideológica, uma distância psicológica, uma distância ética [...] Amadurecido ou envelhecido, o eu narrador, ao rememorar eventos do eu narrado, pode assim assumir uma atitude irônica e judicativa ou uma atitude solidária perante o eu narrado, pois que o fluir do tempo esgarça a identidade entre o eu narrador e o eu narrado, instaurando entre ambos uma relação ambígua e complexa de continuidade e de ruptura (2005, p. 325).

As palavras do crítico português apresentam-nos uma separação entre o eu narrador e o eu narrado, posto que mesmo no que diz respeito ao sujeito empírico – que, de fato, é a base para a construção do sujeito fictício – o tempo provoca várias mudanças entre o eu do presente e o eu do passado; ninguém passa pela vida sem sofrer modificações ideológicas, psicológicas ou de outra espécie. Assim, ao depararmos com um narrador autodiegético, não podemos colocar o eu narrador e o eu personagem no mesmo nível analítico, haja vista a mudança de posicionamento entre um elemento e outro, justificada pelo tempo.

Ao direcionar tais discussões para o conto “A partida”, é possível observar como o tempo opera mudanças e estabelece diferenças na visão de mundo do eu narrador e do eu narrado, o que podemos observar neste fragmento: “Hoje, revendo minhas atitudes quando vim embora, reconheço que mudei bastante” (Lins, 2014, §1º). Notamos que o eu narrador realiza uma espécie de exame de consciência em relação às atitudes do eu narrado; como resultado dessa análise há o reconhecimento de que o tempo trouxe a mudança que, geralmente, somente o amadurecimento interior é capaz de trazer.

Não obstante, a análise íntima realizada pelo narrador não se limita ao reconhecimento de sua mudança, conforme podemos ler: “Verifico também que estava aflito e que havia um fundo de mágoa

ou desespero em minha impaciência” (LINS, 2014, §1º). Com efeito, quando discutimos a respeito do foco narrativo no tópico anterior, mencionamos a carga semântica que o significante “mágoa” traz ao discurso narrativo. Esse fato demonstra que foi através do tempo, da vivência, que o eu narrador conseguiu entender sua atitude ríspida no momento da partida, bem como o medo de não ter coragem de partir que funcionava como alimento de sua mágoa.

Até esse ponto da narrativa, o tempo da enunciação encontrava-se bem definido na voz do narrador, expandindo com propriedade seus sentimentos e suas percepções do presente referentes ao seu passado. Dessa forma, dizemos que além de uma mudança de visão de mundo o tempo operou no eu narrador alterações psicológicas, uma vez que, posteriormente, pela analepse, lembrando o momento de sua partida, notamos não somente um amadurecimento de ideias, mas também uma mudança psíquica, que pode ser verificada em face de sua segurança na auto-análise: “Estava farto de chegar a horas certas, de ouvir reclamações; de ser vigiado, contemplado, querido” (Lins, 2014, §1º).

A tarefa de separar atitudes, sentimentos e percepções entre narrador e personagem mediante o ponto de vista autodiegético torna-se complexa diante do estilo de Osman Lins, visto que o autor opta pelo sumário em detrimento da cena, fato justificável, devido ao caráter memorialista do texto. Porém, a presença do discurso indireto livre faz com que o narrador não delegue em absoluto seu ponto de vista. Portanto, a ausência dos diálogos torna impossível a separação da voz do eu narrador e da voz do eu narrado, no entanto, por meio do recurso do tempo da enunciação e do tempo do enunciado, é possível dissociar as visões de mundo do narrador e da personagem. A propósito da importância do tempo na ficção, anotamos as palavras de Benedito Nunes:

É deslocável o presente como deslocáveis são o passado e o futuro. De ‘uma infinita docilidade’, o tempo da ficção liga entre si momentos que o tempo real separa. Também pode inverter a ordem desses momentos ou perturbar a distinção entre eles, de tal maneira que será capaz de dilatá-los indefinidamente ou de contraí-los num momento único, caso em que se transforma no oposto do tempo, figurando o intemporal e o eterno (1995, p. 25).

Ao confrontar a afirmação de Benedito Nunes com o texto de Osman Lins, averiguamos o deslocamento do tempo no enredo de “A partida”, posto que, iniciando a história no tempo da enunciação (presente) e utilizando os verbos no tempo presente, ao realizar analepse, o narrador desloca-se ao tempo do enunciado (passado), passando então a reviver os fatos. Entretanto, o narrador não se limita a reviver esses fatos, haja vista que ao posicionar-se criticamente acer-

ca de suas atitudes, mesmo utilizando os verbos no passado, ele salta novamente ao presente, pois, como já foi dito, sua postura crítica só foi adquirida com o amadurecimento. Para entender melhor esse paradoxo temporal, atentemos para outro fragmento do conto:

Estava farto de chegar a horas certas, de ouvir reclamações; de ser vigiado, contemplado, querido. Sim, também a afeição de minha avó incomodava-me. Era quase palpável, quase como um objeto, uma túnica, um paletó justo que eu não pudesse despir (Lins, 2014, §1º).

Nesse momento, o narrador encontra-se no tempo do enunciado, percebemos, inclusive, a presença dos verbos no passado; contudo, ao estabelecer uma espécie de diálogo com o narratário – “[...] Sim, também a afeição de minha avó incomodava-me [...]” –, o narrador explica o seu sentimento em relação aos excessivos cuidados de sua avó. Notamos então que ele sentia-se sufocado; era como se aquela proteção o impedisse de crescer e enfrentar o mundo. Ao caminhar nessa direção, observamos que embora estejamos no nível do enunciado, as visões de mundo são sustentadas pelo eu narrador e não pelo eu narrado, o que nos leva a afirmar que passado e presente não apenas deslocaram-se na narrativa, mas também se fundiram, figurando o “intemporal”.

Considerando ainda as palavras de Benedito Nunes percebemos que o narrador de “A partida” faz da narrativa um “momento único”. Tendo em vista que a duração da diegese é o tempo de uma noite, o que, na trama, poderia ser relatado em, por exemplo, apenas dois parágrafos, porém se estende, tornando o tempo do discurso relativamente longo, a anisocronia é sustentada devido às digressões que o narrador realiza, mostrando a mudança entre a visão de mundo do eu narrador e do eu personagem. Nesse sentido, observemos o seguinte trecho:

Sentei-me na cama, as têmporas batendo, o coração inchado retendo uma alegria dolorosa que parecia um anúncio de morte [...]

[...] eu sabia que desejava beijar-me, prender-se a mim, e a simples ideia desses gestos, estremei. Como seria se, na hora do adeus, ela chorasse? (Lins, 2014, §10).

A presença do paradoxo “alegria dolorosa” traduz o paradoxo temporal, visto que enquanto o substantivo “alegria” revela o sentimento do eu narrado, o adjetivo “dolorosa” liga-se intimamente ao amadurecimento do eu narrador que, ao longo dos anos, adquiriu maturidade suficiente para entender o quanto sua partida feriu-o. Embora no tempo da partida fizesse o possível para suavizar a dor,

agindo às vezes com ironia e rancor, aquele momento foi o mais difícil de sua vida. Além disso, quando o narrador pergunta como seria se sua avó chorasse no momento da partida, ele retarda o andamento do discurso ao estabelecer um diálogo com o narratário e, sobretudo, denuncia o medo ou covardia do eu personagem, deslocando-se novamente ao presente.

É possível, pois, afirmar que o tempo está vinculado ao narrador autodiegético no conto “A partida”, uma vez que é por meio da análise do tempo da enunciação e do enunciado que se pode separar a visão de mundo do eu narrador e a do eu narrado, entendendo as relações ocorridas com elas. Seguindo a mesma linha analítica, passaremos ao conto “Elegíada”.

“Elegíada”: um narrador despedaçado

Muitas vezes percebemos em certas narrativas a presença de um forte lirismo, posto que os sentimentos trazidos pela voz do narrador trazem ao gênero narrativo um efeito peculiar ao gênero poético. Esse traço pode ser verificado no conto “Elegíada” no qual, por meio do ponto de vista autodiegético, o narrador consegue comover o leitor mediante o imponderável efeito da morte.

Nesse conto, o enredo passa pelo fluxo de consciência da personagem que, diante de sua esposa morta, narra seus mais profundos sentimentos em relação àquela perda: “Esta é a verdade: agora eu estou só. Com mais um pouco, chegará a madrugada. As velas ficarão pálidas, os sinos dobrarão em tua homenagem; e quando o sol vier, não iluminará teus olhos” (Lins, 2014, §1º).

Em face do lirismo do conto, faremos sua análise considerando alguns recursos estilísticos, como o uso das palavras. Na expressão “velas pálidas”, por exemplo, notamos a relação entre a carga semântica que envolve esses significantes e o sentimento do narrador. Com efeito, o substantivo “velas” está cercado por uma atmosfera que remete à ideia de morte ou de estar à deriva, quando no mar as velas do navio estão pandas, ao passo que o adjetivo “pálidas” carrega a maceração do ser humano diante do irreversível. Unidas, tais palavras tornam-se a personificação do sofrimento que traduz o momento da despedida, posto que as “velas pálidas” seriam como um fogo brando, prestes a se extinguir, relacionando-se ao momento em que o narrador teria que se despedir de sua esposa.

A exemplo do que ocorre no conto “A partida”, em “Elegíada” não se enfatiza o enredo. O que de fato prende o leitor não é a força da diegese, mas a construção da narrativa mediante as tintas do li-

rismo. Autran Dourado tece comentário relevante sobre o papel do crítico ao noticiar o enredo de um romance:

O crítico, ao dar o resumo de um romance, presta um desserviço ao autor, pois nada há de mais acidental e secundário num romance do que o enredo, que é apenas um dos elementos de sustentação da história, a maneira que o escritor encontra de manter viva a atenção do leitor (1973, p. 101).

Percebemos a impossibilidade de se construir um texto ficcional sem haver uma história como alicerce. A diegese pode ser a mais simples e corriqueira possível, não existindo a necessidade de histórias mirabolantes, ou de um constructo tripartite, com início, meio e fim bem marcados. Isso fato pode ser observado tanto em “Elegiada” quanto em “A partida”: embora a morte seja um acontecimento triste e marcante, ela ocorre todos os dias, como também o é um filho ou neto, deixando a casa dos pais ou dos avós para enfrentar o mundo.

Só nos foi possível levantar essas proposições devido ao fato de o objeto de estudo do crítico literário ser o discurso narrativo que, de acordo com Gérard Genette, trata-se do relacionamento entre narrativa e história e não simplesmente o universo diegético dissociado da trama construída pelo ficcionista. Desse modo, podemos dizer que para alcançar os elementos extrínsecos de uma determinada obra devemos, antes de mais nada, levar em consideração os elementos intrínsecos que sustentam o discurso narrativo.

Assim, a escolha do foco narrativo no conto “Elegiada” é oportuna para o efeito suscitado no leitor, posto que a presença do narrador autodiegético contribui consideravelmente para a atmosfera de tristeza impregnada no nível da trama, afinal, sabemos que entre relatar o sofrimento de alguém e contar os pormenores de sua própria dor existe uma diferença grandiosa.

Mais algumas horas e nossos conhecidos te levarão para o campo. Estarão um pouco tristes, mas não podem imaginar que imensa perda eu sofri. Dirão entre si: ‘Tinha de ser. Um deles havia que ir primeiro [...]’ E acharão que já sou muito idoso, que minha capacidade de sofrer se extinguiu e que não tardarei a seguir-te. [...] Mas eu estou velho. E muito só, abandonado – sou uma criança aflita, querida. Meus filhos acham agora que os superiores são eles, que devem governar-me. Fazem recolher-me cedo, não me permitem comer o que desejo e até ralham comigo [...] (Lins, 2014, § 2º).

A discussão anteriormente posta a respeito dos efeitos da focalização autodiegética é perceptível também quando observamos as palavras do narrador: “Estarão um pouco tristes, mas não podem imaginar que imensa perda eu sofri [...]” (Lins, 2014, §2º). O próprio narrador afirma que ninguém consegue alcançar a dimensão de sua

dor, somente ele que vivencia o sofrimento é capaz de transmitir com profunda verdade e sentimento um momento tão difícil da vida. O tom elegíaco é exacerbado devido à presença dos verbos e pronomes em primeira pessoa.

Ao estabelecer um contraponto entre “Elegiada” e “A partida”, percebemos que os narradores autodiegéticos se aproximam peculiarmente do leitor, por meio de um discurso lírico e elegíaco. Em ambos os contos, o tom de lirismo relaciona-se ao tema da despedida, porém em “A partida” essa despedida ocorre por vontade da personagem, enquanto em “Elegiada” a morte surge como imposição da própria. Leiamos os fragmentos:

[...] Ela estava olhando para mim e chorando como se eu fosse um cadáver – pensei. Mas eu não me parecia em nada com um morto, senão no estar deitado. [...] estava vivo, bem vivo, não ia morrer. [...] Eu não estava morto (Lins, 2014, §11. “A partida”).

Só tu me restavas. Junto a ti eu podia ser eu mesmo, sem temor de parecer ridículo. Eras tu quem tinha a chave do meu caráter e do dom de encantar-me [...] E agora um duro silêncio te envolve e imobiliza. Vejo tuas mãos cruzadas, o lençol que te cobre, tuas feições tranquilas. Sei que logo mais eles te levarão [...] (Lins, 2014, §4º. “Elegiada”).

No primeiro fragmento, temos a presença da antítese vivo/morto, um recurso estilístico que revela o conflito interior no qual se encontra a personagem que, por um lado, quer / precisa partir, conhecer e enfrentar o mundo, mas, por outro, a quem a mesma partida causa grande sofrimento. A insistência da personagem em afirmar que não morreu, além de minimizar o sofrimento exacerbado da avó, diminui seu próprio sofrimento, uma vez que sua pretensão é afastar a atmosfera de despedida que se assemelha à dor da separação provocada pela morte.

No segundo fragmento, do conto “Elegiada”, o discurso narrativo sai do âmbito da melancolia e chegando ao desespero. Nesse sentido, a presença da focalização autodiegética se torna mais intensa, devido, como já foi dito, ao recurso do fluxo de consciência, no qual o narrador recorre ao lirismo como tom narrativo: “Eras tu quem tinha a chave do meu caráter e do dom de encantar-me [...]” (LINS, 2014, §4º). Esse lirismo está impregnado com um outro tom, o fúnebre, que sustenta o nível do discurso. Nesse caso, de fato não foi apresentada nenhuma possibilidade de escolha ao narrador, a despedida lhe foi imposta mediante a chegada da morte.

Assim, percebemos que em “Elegiada” a focalização autodiegética vai além do que ocorre em “A partida”, posto que se neste o ponto de vista aproxima o leitor do universo ficcional, enquanto naquele é

como se o foco narrativo lançasse o leitor no interior da alma de uma personagem despedaçada por uma separação definitiva e inevitável. Todavia, ao relacionarmos o recurso da focalização com as implicações do tempo, notamos que ocorre uma diferença maior entre os dois contos. No tópico que segue nos ocuparemos dessa discussão.

Passado, presente e futuro: as várias faces do eu

Em *O tempo na narrativa*, Benedito Nunes cita Santo Agostinho quando este questiona o significado do tempo, afirmando que se ninguém lhe perguntar, ele saberá o seu significado, porém se for preciso explicá-lo a alguém já não saberá responder. Esse elemento, dentre os demais estruturadores da narrativa, é o de maior complexidade, considerando a dificuldade de caracterizá-lo ou medi-lo no interior do discurso narrativo.

A exemplo do que ocorre em “A partida”, a diegese de “Elegíada” tem a duração de parte de uma noite, ocasião em que o narrador inicia a narrativa de base: “[...] Com mais pouco chegará a madrugada [...]” (Lins, 2014, § 1º). Durante esse tempo cronológico, muitos autores poderiam construir uma trama ainda menor do que a de Osman Lins que, por meio de digressões caracterizadas pela presença do fluxo de consciência, lança mão da anisocronia. Para pensar melhor sobre as diferenças entre a duração do tempo da diegese e do tempo do discurso, ou mesmo dos desencontros entre esses tempos que caracterizam as anacronias, anotamos os seguintes fragmentos:

Esta é a verdade: agora eu estou só. Com mais um pouco, chegará a madrugada. As velas ficarão pálidas, os sinos dobrarão em tua homenagem [...] (Lins, 2014, § 1º).

Mais algumas horas e nossos conhecidos te levarão para o campo. Estarão um pouco tristes, mas não podem imaginar que imensa perda eu sofri [...] (Lins, 2014, §2º).

Com efeito, afirmamos que a diegese dura parte de uma noite, pois quando o narrador toma a narrativa ele afirma que a madrugada está quase chegando e, quando amanhecer, o corpo de sua esposa será levado para o funeral, momento este que corresponde ao fim da diegese. Entretanto, no nível do discurso, ocorrem narrativas secundárias, responsáveis por estender o tempo da trama em relação ao tempo diegético.

Ao ler, ainda, os dois fragmentos anteriores, que correspondem à narrativa primária ou de base, notamos a presença de mais de um tempo verbal, visto que o narrador inicia a história no tempo presente: “[...] agora eu estou só [...]”, porém imediatamente depois o verbo

é posto no futuro, acompanhando a reflexão do narrador: “[...] Com mais um pouco chegará a madrugada [...]”.

Essa diferença pode ser explicada pela presença do fluxo de consciência, visto que embora a diegese seja marcada cronologicamente, oferecendo essa ilusão no próprio nível da trama: “agora, mais um pouco, mais algumas horas”, isso de fato não ocorre com o tempo do discurso que, conforme Aguiar e Silva (2005), trata-se de um tempo de difícil medição. Assim, é possível comparar a trama com o que ocorre na mente do sujeito empírico em momentos de reflexão: no mesmo instante em que se reflete sobre o presente, pode-se retroceder ao passado ou vislumbrar momentos futuros. Leiamos o próximo fragmento:

Lembro-me mesmo que um dia havias trabalhado muito e te deitaste cedo. Eu fiquei lendo, e, quando o sono veio fechei as portas. Havia um silêncio tão grande! Os móveis brilhavam, não havia pó no chão; tudo em ordem, limpo cuidado. Detive-me um instante à sala de jantar, como se pressentisse avizinhar-se um mistério. [...] talvez o que eu houvesse sentido fosse o pressagio disto: de que virias a morrer, que nosso fogo não mais seria aceso pelas tuas mãos. [...] Seria? Que me dizes? (Lins, 2014, §7º).

Percebemos que o narrador retrocede ao passado mediante o recurso da analepse. Aqui seu discurso, a exemplo do que ocorre em “A partida”, torna-se memorialista. Porém, a trama de “Elegiada” é construída de forma diferente no que se refere ao tempo, uma vez que enquanto em “A partida” temos a presença de um narrador autodiegético amadurecido, relembando criticamente um fato passado, contudo dividindo o presente e o passado de forma disciplinada dentro do discurso, em “Elegiada” é como se essa focalização abusasse da posse total do ponto de vista, brincando com o fator temporal, ignorando qualquer aspecto discursivo. Atentemos, pois, para os dizeres de Anatol Rosenfeld:

[...] Na dimensão mítica, passado, presente e futuro se identificam: as personagens são por assim dizer, abertas para o passado que é presente que é futuro que é presente que é passado – abertas não só para o passado individual e sim o da humanidade; confundem-se com seus predecessores remotos, são apenas manifestações fugazes, máscaras momentâneas de um processo eterno que transcende não só o indivíduo e sim a própria humanidade [...] (1996, p. 90).

Notamos o que foi apontado pelo crítico no conto em questão, posto que, como já assinalado, o tempo muda constantemente em “Elegiada”, alternando-se entre passado, presente e futuro. Desse modo, o presente em que se encontra o eu narrador é também o passado no qual se encontrava o eu narrado e logo será o futuro no qual se fundirão o eu narrador e o eu narrado. Não obstante, embora essas impli-

cações pareçam complexas, ao observarmos que o eu narrador está no presente e que, portanto, é sua mente que retrocede ao passado e salta para o futuro, entendemos que o passado e o futuro são o presente do narrador, que nem poderá reviver a felicidade conjugal do passado, tampouco visualiza qualquer perspectiva de felicidade para o futuro.

Essa instabilidade temporal, ligada intimamente ao foco narrativo, casa-se com a atmosfera elegíaca criada pelo autor, uma vez que o passado traz à tona os momentos felizes que a personagem viveu ao lado de sua esposa, sendo o presente o pior instante de sua vida. Porém, ao dirigir o olhar para o futuro, seu sofrimento aumenta, uma vez que no presente ao menos ele pode visualizar o corpo inerte de sua companheira, ao passo que o futuro lhe reserva a mais absoluta solidão: “[...] Decerto, minha dor não é violenta. É cansada. Mas é tão vasta, tão desalentada e profunda... E eu vou ficar tão sozinho, querida [...]” (Lins, 2014, § 10).

Diante do exposto, podemos dizer que ao dissociar os posicionamentos do eu narrador e do eu narrado, em face do ponto e vista autodiegético, nota-se que o tempo, embora em proporção distinta, também provocou mudanças na visão de mundo de um e de outro, sendo o passado representante da felicidade, o presente do sofrimento e o futuro do medo da solidão, tornando-se impossível para o eu narrador manter a mesma visão de mundo do eu narrado.

As transformações da visão de mundo de um eu na ficção como na vida

A intimidade das relações entre as categorias narrador, focalização e tempo despertou-nos o interesse de analisar os efeitos de sentido que o tempo proporciona à focalização autodiegética. Estabelecemos, então, como *corpus* de estudo os contos “A partida” e “Elegíada”, ambos de Osman Lins. Ao iniciar a investigação pelo conto “A partida”, percebemos que o fator tempo provocou fortes mudanças psicológicas e de visão de mundo entre o eu narrador e o eu narrado, uma vez que, amadurecido, o eu narrador entendeu que o medo de partir da casa da avó provocou-lhe mágoa e rispidez, na tentativa de amenizar seu próprio sentimento em relação ao sofrimento da avó.

Ao direcionar o olhar para o conto “Elegíada”, notamos que o tempo atuou de forma diferenciada nos posicionamentos entre o eu narrador e o eu narrado. Passado, presente e futuro foram apresentados no nível da trama, refletindo a atmosfera de sofrimento que cercava a personagem. Averiguamos, então, que o passado representava a felicidade do eu narrado, o presente, seu sofrimento atroz, e o futuro, a solidão de uma perda inexorável. Nesse sentido, o tempo alterou psicologicamente a personagem e sua visão de mundo.

Diante do exposto, é possível afirmar que por meio de universos diegéticos próximos do cotidiano do sujeito empírico Osman Lins criou duas tramas capazes de envolver e despertar reflexivamente os leitores. Em uma atmosfera de angústia e de sofrimento, chegamos ao entendimento da duplicidade de um eu que, dificilmente, passa pela vida sem ligeiras ou grandes transformações de sua visão de mundo.

Referências

- AGUIAR E SILVA, V. M. de. **Teoria da literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 2005.
- DOURADO, A. **Uma poética de romance**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FRIEDMAN, N. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. Trad. Fábio Fonseca de Melo. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 166-182, 2002.
- GENETTE, G. **O discurso da narrativa**. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Arcadia, [s.d.].
- LINS, O. “A Partida”. Disponível: <www.releituras.com/osmanlins_partida.asp> Publicado em **Os gestos**. São Paulo, Melhoramentos: 1975. Acesso em: 25 maio 2014.
- _____. “Elegiada”. Disponível: <mutuca.wordpress.com/2011/11/22/elegiada/> Publicado em **Os gestos**. São Paulo: Melhoramentos, 1975. Acesso em: 25 maio 2014.
- NUNES, B. **O tempo na narrativa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- ROSENFELD, A. Reflexões sobre o romance moderno. In: _____. **Texto/Contexto I**. São Paulo: Perspectiva, 199. p. 75-97.
- SCHÜLER, D. **Teoria do romance**. São Paulo: Ática, 2000.
- TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 4. ed. Rio de Janeiro: DIEFEL, 2012.